

I Seminário Brasileiro sobre Livro e História Editorial

Realização: FCRB · UFF/PPGCOM · UFF/LIHED

8 a 11 de novembro de 2004 · Casa de Rui Barbosa – Rio de Janeiro – Brasil

O texto apresentado no Seminário e aqui disponibilizado tem os direitos reservados. Seu uso está regido pela legislação de direitos autorais vigente no Brasil. Não pode ser reproduzido sem prévia autorização do autor.

Panorama da História da Editoração em Salvador/Bahia

Flávia Goullart Mota Garcia Rosa¹
Susane Santos Barros²

Universidade Federal da Bahia

Resumo

O presente estudo tem como objetivo identificar os principais momentos da história editorial em Salvador (Bahia), tendo em vista que esta cidade foi palco de significativas transformações culturais. Por sua condição de primeira província a desenvolver atividade editorial de caráter privado, no início do século XIX, foi com a chegada da família real ao Brasil que foram criadas condições para o desenvolvimento tecnológico da atividade. Desse modo, o trabalho se propõe a registrar, de forma sistemática, os fatos relativos às iniciativas locais e a influência dessas contribuições na formação de uma indústria editorial em Salvador.

Palavras-chave: Editoras e publicações de livro – história – Salvador; editoras e escritores – Salvador; história editorial.

Introdução

A Bahia, rica em tradições culturais, foi a primeira província a desenvolver, em 1810, atividade editorial privada. Com a vinda da Família Real para o Brasil, iniciativas não faltaram, sendo emblemática, no século XIX, a instalação da tipografia e editora de José Silva Serva. Durante todo aquele século a edição de livros e revistas desenvolveu-se com relativa intensidade, fazendo circular pelo país o conhecimento e as criações literárias de autores brasileiros.

Mas a grande dinamização da atividade ocorreu mesmo no século XX, embora frequentemente fosse muito dependente do entusiasmo de grupos de escritores e artistas, e de iniciativas do poder público. Na Bahia, a editoração se desenvolveu sempre em torno de pequenas gráficas, que imprimiam as teses de doutorado da Faculdade de Medicina, livros de

¹ Professora da UFBA e diretora da EDUFBA (flaviagr46@hotmail.com)

² Graduanda em Biblioteconomia na UFBA e bolsista de iniciação científica (susanesb@ufba.br)

poesia e escritos literários de intelectuais da terra, além de revistas, geralmente de curta duração. A de vida mais longa foi lançada em 1940 - *Cadernos da Bahia* - criada por Vasconcelos Maia, Cláudio Tuiuti Tavares, Darwin Brandão e Wilson Rocha, e tinha como proposta a renovação literária e artística do estado. Integravam o seu Conselho Editorial, os críticos de arte Wilson Rocha e Motta e Silva; o crítico cinematográfico Walter da Silveira; os artistas Mário Cravo e Maria Célia Amado. Esta Revista teve importante participação na vida cultural baiana, não apenas publicando autores locais, como também patrocinando exposições de arte como a *Novos Artistas Baianos*, que foi um marco da arte moderna na Bahia. O grupo Cadernos da Bahia, encerrou suas atividades em 1951, depois de 11 anos de atividade.

O maior destaque na história da editoração baiana, com repercussão nacional, foi a Livraria e Editora Progresso, criada por Manoel Pinto de Aguiar, homem de grande capacidade intelectual e espírito público. Ela contribuiu, de forma decisiva, para a divulgação da produção intelectual de autores locais, bem como para formação cultural de toda uma geração, sobretudo através das co-edições realizadas com a Universidade Federal da Bahia. Isto, contudo, não foi suficiente para que a Bahia conseguisse um lugar de destaque no mercado editorial brasileiro. Mesmo não tendo a inserção nacional desejada, o setor vem contribuindo para a disseminação do conhecimento, não só acadêmico (motivado pela presença de cinco editoras universitárias), como também de literatura, livros técnicos, de arte, entre outros. Hoje, a editoração em Salvador tem como base pequenas e médias editoras, além da forte participação do poder público, tanto como financiador quanto como editor.

O cenário sumariamente descrito acima constituiu-se na motivação principal deste trabalho, que busca resgatar a história da atividade editorial da Bahia, tendo como foco Salvador, onde a editoração sempre foi mais expressiva, comparada com outras cidades do estado.

A escassez de literatura a respeito desta temática ensejou a opção por uma metodologia que envolveu, além da busca bibliográfica, um mapeamento das editoras existentes em Salvador, enfocando dois momentos: o primeiro, a partir de entidades ligadas ao mundo do livro em Salvador, que constituíram o Instituto Baiano do Livro (IBL), em 1992; e o segundo, a partir de levantamento levado a efeito junto a Câmara Baiana do Livro (CBal) e a seus associados, em 2004. As informações obtidas foram complementadas com entrevistas e aplicações de questionários. Com base nos dados levantados até o momento, foi possível construir, de forma mais completa, a história da atividade editorial em Salvador.

Os primeiros editores na vida cultural da Bahia

Em 1549, com a chegada de Tomé de Souza à Bahia, as atividades administrativa, política, econômica e social passam a ser estimuladas. Com o objetivo inicial de catequizar os nativos, vieram os jesuítas, que aqui fundaram a primeira escola elementar, em 1551, o Real Colégio da Bahia – Colégio do Terreiro de Jesus como ficou conhecido. Após 1556, torna-se a principal escola, possuindo os denominados “cursos elevados”, que, influenciados pelas universidades medievais, abrangia desde a escola elementar até estudos humanísticos, filosóficos e teológicos, voltados para as classes dirigentes. Os jesuítas utilizavam como material didático coleções pertencentes às ordens religiosas.

Segundo a missão educadora e durante toda sua permanência na Bahia, os jesuítas desejaram a transformação do Colégio do Terreiro em universidade, o que não ocorreu, pois não havia interesse da metrópole em oficializar uma instituição dessa natureza no Brasil. Tanto foi assim que o Brasil foi o último país da América Latina a ter uma universidade.

Em 1759, por motivos políticos, o Marquês de Pombal expulsa os jesuítas, fato seguido, segundo Peres³, por “uma pilhagem da rica biblioteca trazida de Portugal [...]”.

Com a chegada da Família Real ao Brasil, em 1808, fez-se necessária a criação de condições culturais e tecnológicas para a instalação da corte. Nesse contexto, foram criados os cursos de Cirurgia, Anatomia e Medicina, vindo a constituir a primeira Faculdade de Medicina do Brasil. Desse modo, a Bahia, como nos tempos do Colégio do Terreiro de Jesus voltou a ser um centro cultural com vida própria.

Há registros de que antes da instalação da Imprensa Régia no Brasil, havia uma atividade ilegal de impressões de textos, o que era proibido pela administração colonial. Portugal procurava, com a proibição, evitar que fossem divulgadas idéias e opiniões, originadas dos ideais da Revolução Francesa, que poderiam colocar em risco o domínio da Metrópole sobre a Colônia.

Somente em 1808, portanto, para atender às demandas da sede do Império e com o avanço tecnológico disponível, instalou-se a Imprensa Régia no Rio de Janeiro. Pouco tempo depois, segundo Hallwell (1985, p. 57), a Bahia tomou iniciativa semelhante, iniciando também a indústria editorial legal:

[...] quase imediatamente um livreiro de Salvador procurou obter permissão para ir à Inglaterra e adquirir uma impressora para a Bahia. Ele se chamava

³ Entrevista concedida por Fernando da Rocha Peres, em outubro de 2004.

Manuel António da Silva Serva, [...] em 18 de dezembro de 1810 apresentou ao governador, o conde dos Arcos, um pedido formal de autorização para começar a imprimir.

Nesse contexto sócio-político-cultural, então, Serva edita em 1818 a primeira publicação produzida pela iniciativa privada que circulou no país, denominando-a de *A Gazeta da Bahia: Idade D'Ouro*. Como editor publicou cerca de 176 títulos, tendo como temática principal religião, direito e medicina, em atendimento à demanda da Faculdade de Medicina da Bahia. Publicou também livros de história e política e um pouco de literatura, sobretudo traduções. Problemas políticos e econômicos causaram um declínio geral no comércio local, acentuado na produção editorial com a morte de Silva Serva, o destaque na área em Salvador.

Entre as primeiras livrarias-editoras podemos citar a de Carlos Poggetti, fundada em 1835, tendo iniciado a edição de livros em 1850 e que viria a ser a livraria Catilina que funcionou durante 125 anos. Também há indícios da existência da Tipografia e Livraria de Epiphanyo Pedroza, em meados do século XIX.

Como reflexo do crescimento da arte tipográfica, em outubro de 1870 foi fundada a Associação Tipográfica da Bahia (ATB), que se propôs a reunir os profissionais do setor. Seu primeiro presidente foi José Firmino Cavalcante e congregava cerca de 68 operários, dos quais 34 eram representantes das classes de tipógrafos, encadernadores e litógrafos. A Associação foi ativa e importante como representante de algumas classes de profissionais, mas enfraqueceu-se posteriormente, em parte devido à mudança do perfil da indústria determinado pelo avanço tecnológico.

No final do século XIX, especificamente em 1890, a atividade editorial foi revitalizada com o surgimento da Livraria Catilina, que embora tenha iniciado suas atividades como varejista, publicou vários trabalhos literários de importância, como esclarece Hallwell (1985, p. 62):

[...] quando ela produziu vários trabalhos literários de grande importância, inclusive *As poesias até agora não reunidas em volume*, de Castro Alves (1913), *Os Contos escolhidos* (1913, reeditados em 1914), *Vargas* (1915) e *Frutos do tempo* (1919), de Coelho Neto, *As Páginas Literárias* (1918) e *As Cartas políticas e literárias* (1919) de Ruy Barbosa, e a 3ª edição de *Praieiros* (1910?), de Xavier Marques. A firma publicou também os trabalhos legais de Ernesto Carneiro Ribeiro.

A imprensa católica também teve relevância na Bahia, particularmente por intermédio dos monges beneditinos, que fundaram em 1900, no Mosteiro da Graça, uma oficina

tipográfica para publicação de *O Estandarte Católico*. Incumbiu-se da montagem dessa oficina o Irmão José Kleimman. Dentro da mesma linha, foi criada, em 1909, a atual tipografia do Mosteiro de São Bento. Instalada pelo Abade Majolo de Caygny, sua primeira publicação foi o livro “A vida de São Bento”, em edição de 5 mil exemplares. Muitos outros títulos foram lançados depois, dentre eles o *Missal Cotidiano*, de 1936, em latim e português, considerado o livro de maior importância saído do prelo beneditino, sobretudo pela perfeição do trabalho tipográfico.

Imprensa Oficial do Estado

Uma nova etapa se inaugura em 1915, com a criação da Imprensa Oficial do Estado (IOE), que posteriormente, denominou-se Imprensa Oficial da Bahia (IOB). Seu objetivo principal era publicar o Diário Oficial, mas desde seu primeiro ano de funcionamento, publicou também livros. Segundo seus diferentes gestores, a produção bibliográfica foi fértil, conforme os dados que se seguem:

- 1915 a 1935, período em que foi dirigida pelo médico José de Aguiar Costa Pinto, publicou cerca de 200 títulos, incluindo documentos oficiais.

- 1959 a 1965, Milton Santos, professor universitário e jornalista, esteve à sua frente e modernizou tecnologicamente o parque gráfico. Este fato influenciou na produção de seu programa editorial, destacando-se no período os lançamentos da: *Revista da Bahia*, *Revista Tule* e da *Coleção Tule*, que levaram a público o melhor da literatura baiana, divulgando autores como Vasconcelos Viana, Nelson de Araújo, Clarival do Prado Valadares e Wilson Rocha dentre outros.

- 1965 a 1987, com José Curvelo em dois períodos, intercalados pela gestão de Junot Silveira, ambos jornalistas, quando a IOB ganhou nova sede e adquiriu novos equipamentos. Segundo Tavares (1991, p.43), “O período está marcado por uma extensa lista de livros de ficção (63 títulos), muitos dos quais – e entende isso quem conhece um pouco da tessitura das relações sociais baianas – são frutos de gentilezas entre *amigos*”.

- 1987 a 1990, gestão de Othon Jambeiro, professor e jornalista, foi marcada pela retomada de algumas idéias de Milton Santos e por sua iniciativa em constituir uma equipe editorial de profissionais, integrada por programadores visuais e jornalistas, tendo como propósito consolidar a já Empresa Gráfica da Bahia (EGBA) como editora.

Atualmente, a EGBA está vinculada à Secretaria do Governo do Estado da Bahia com personalidade jurídica, de direito privado, patrimônio próprio, autonomia administrativo-

financeira e capital exclusivo do Estado. Publica principalmente atos dos poderes Executivo, Legislativo e Judiciário do Estado através do Diário Oficial, mas também coletâneas ou separatas de atos oficiais ou técnicos, serviços de microfilmagem e trabalhos de caráter cultural ou educacional para a venda ou distribuição gratuita, de acordo com o plano de divulgação do Estado. Além disso, executa serviços gráficos necessários aos órgãos e entidades do serviço público estadual, onde atua enfocando a atividade industrial. Na sua atual linha de trabalho, não dispõe mais de um programa editorial.

Primeira metade do século XX – Editoras privadas

A primeira iniciativa privada partiu de Manoel Pinto de Aguiar advogado, poeta, economista, empresário, professor, escritor, em parceria com Jorge Calmon, jornalista, professor e acadêmico. Eles criaram a Editora Cruzeiro, que em 1938 publicou o primeiro e único livro de Teodoro Sampaio, *O Rio São Francisco e a Chapada Diamantina*. Essa primeira investida na área editorial frustrou-se por duas razões: a falta de experiência e as dificuldades decorrentes da guerra.

A segunda grande iniciativa deveu-se também a Pinto de Aguiar, conhecido como o grande fenômeno da editoração baiana: em 1942, para auxiliar um velho amigo de infância, Armando Souza, ele adquiriu a Livraria Progresso Editora. Em 1945 publica o primeiro livro, intitulado *Richilieu*, de Augusto Bailly, autor francês, embora o objetivo principal da editora fosse publicar autores baianos, principalmente os novos. A experiência anterior mal sucedida indicou-se a necessidade de conciliar a importância cultural das obras com a questão financeira do empreendimento. Em 1957, o Reitor Edgard Santos, fundador da Universidade Federal da Bahia, desejando ampliar a atuação da instituição, firma parceria com a Editora Progresso, co-editando entre 50 e 60 títulos, tendo como obra de destaque *Introdução à gramática Iorubá*, cuja edição se esgotou em 30 dias. Importantes títulos foram publicados nesse período, fato que contribuiu de forma significativa para o desenvolvimento da atividade científica e cultural no estado.

Um dos grandes méritos da Progresso foi ter produzido um excelente catálogo, apesar de ter enfrentado naquela época o grave problema da distribuição do livro em nosso país. Em 16 anos de atividade, Pinto de Aguiar lançou 450 títulos. A Progresso Editora encerrou suas atividades em 1960, quando Pinto de Aguiar assumiu a presidência da Petrobrás. Seu sócio, Armando Souza não quis continuar a atividade, tendo em vista que sempre cuidou da parte comercial e da livraria.

Outra iniciativa aconteceu em 1943, quando Abdon Rosado inaugurou a Livraria Universitária, situada na Praça da Sé, de onde presenciou as transformações ocorridas em Salvador, relativas ao campo cultural. Desde os 13 anos ele trabalhou ligado ao ramo livreiro, chegando com 16 anos a ser gerente de uma livraria. Em 1948 publicou, pela Livraria Universitária, o livro *A cozinha baiana*, de autoria de Darwin Brandão, com uma tiragem inusitada para a época, de 5 mil exemplares. Entre 1948 e 1972, foram publicados 8 títulos, encerrando assim a atividade editorial, permanecendo com a livraria até julho de 2004.

Segunda metade do século XX

Pedro Moacir Maia, professor da língua neo-latina, publicou entre 1950 e 1979, quase 20 títulos e mais de 120 *pliegos* ou plaquetes além de convites, cartões e outros impressos pela Dinamene. Em termos legais, não existiu de fato uma editora Dinamene, já que surgiu para apoiar financeiramente a *Revista Cadernos da Bahia*, criada em 1948 pelo historiador Vasconcelos Maia, pelos jornalistas Cláudio Tavares e Darwin Brandão, além de Wilson Rocha e do próprio Pedro Maia. Com suas edições, Maia não tinha como objetivo manter de modo sistemático serviços editoriais. Sua idéia, segundo Andrade (1994), era que pudessem “[...] lançar uma coleção de livros em edições quase de luxo, bonitos, impressos em papéis especiais que, vendidos caros, servissem de apoio financeiro à *Revista Cadernos da Bahia*. Mas Pedro Maia sempre investiu mais do que obteve de retorno, já que tinha na Dinamene um trabalho amador, uma oportunidade de ter satisfação pessoal. Para o primeiro livro, publicado, em 1950, intitulado *Antologia de poemas de amor de poetas brasileiros*, foi Maia quem selecionou os poemas. *Estrela da tarde*, de Manuel Bandeira foi um dos destaques publicados pela Dinamene, em 1959. Utilizava a Tipografia dos Beneditinos para impressão de algumas edições.

Por volta dos anos 50 até os anos 70, Salvador contou com os serviços gráficos e editoriais dos frades franciscanos, através da organização conhecida por Mensageiros da Fé. Além de edições próprias, prestava serviços gráficos a outras editoras.

Ainda na década de 50, surge a empresa Artes Gráficas, que também publicou livros. *Corta Braço*, de Ariovaldo Matos foi um dos títulos importantes por ela editado, sendo desativada no final dos anos 90.

Em 1957, um grupo de intelectuais baianos – o poeta Fernando da Rocha Peres, o pintor e gravador Calasans Neto, Glauber Rocha e Paulo Gil Soares - fundou a Edições Macunaíma, cujo interesse estava voltado para obras de literatura, bem como álbuns de

artistas locais, elaborados de forma semi-artesanal, cuidadosamente produzidos e de baixo custo. Em 1964, a poeta Myriam Fraga publica seu primeiro livro pela Macunaíma, ilustrado por Calasans Neto. No final da década de 60, Humberto Fialho Guedes poeta e animador cultural, propôs a Calasans estruturar a Macunaíma “profissionalmente”, estabelecendo uma sociedade – Macunaíma Empreendimentos Editoriais Ltda – com cinco sócios: Calasans Neto, Fernando Peres, Humberto Fialho Guedes, Florisvaldo Matos e Myriam Fraga. Procuraram publicar obras de poetas representativos da moderna poesia baiana como: Godofredo Filho, Carvalho Filho, Florisvaldo Matos, José Carlos Capinan entre outros. Por tratar-se de uma editora constituída por um grupo de artistas, caracterizou-se mais por manter seu ideal do que por pretensões empresariais, sendo que *Samba de roda*, de autoria de Fred Souza Castro, da década de 80, foi o último livro que publicou. Assim, durante sua atuação no mercado baiano, a Macunaíma chegou a publicar mais de 100 títulos de tiragens limitadas.

Já no campo acadêmico, a Universidade Federal da Bahia iniciou suas atividades editoriais em 1959, por meio do Departamento Cultural, em estrutura informal. Mas somente em 1993, a editoração se consolidou na UFBA, com a criação, como órgão suplementar, da Editora da Universidade Federal da Bahia (EDUFBA). Ela substituiu o Centro Editorial e Didático/Gráfica Universitária, até então responsável pela publicação da produção técnica e cultural da Instituição, bem como pela impressão de formulários demandados pelos setores administrativos.

Em 1960, apareceu a Edições ViceRey, criada pelo jornalista, professor, teatrólogo, escritor, bibliófilo e ficcionista Nelson de Araújo. Funcionando em sua residência, não dispunha de infra-estrutura específica e tinha como objetivo publicar e divulgar os trabalhos dos autores baianos. Além dele, a editora contava com o apoio do poeta Carlos Eduardo da Rocha e do tipógrafo Abílio Cândido de Jesus, oriundo da gráfica beneditina. O empreendimento não possuía cunho empresarial, não tinha fins lucrativos e teve a distribuição de seus exemplares feita entre amigos. A produção literária somou 10 títulos, todos escritos por Nelson de Araújo e por Carlos Eduardo.

Ainda nos anos 60, por iniciativa de Dimpino Carvalho, foi criada a Editora Cimape, que também desempenhava funções de gráfica. Não tinha acesso a incentivos fiscais e talvez por isso algumas edições eram financiadas pelo próprio autor. Foram publicados títulos como: *Vida de Castro Alves*, de Raimundo Garcia, *Na cara do seu jeito e Fogo pago*, de Guido Guerra, *As aparições do Demo*, de Oleone Coelho Fontes e *Canção silenciosa*, de Oscar Moura Costa.

Em 1967, Dmeval da Costa Chaves criou a Editora Itapuã, que conseguiu sobreviver durante alguns anos por meio de convênios com o governo do estado, visando o patrocínio de publicação de livros. A Itapuã publicou importantes obras de temática baiana, a exemplo de: *Povoamento da Cidade do Salvador*, de Thales de Azevedo; *Estranho Mundo dos Cangaceiros*, de Estácio de Lima; *Feira de Santana*, de Rottelice Poppin; e *Capoeira de Angola*, de Waldeloir Rego. Este último, lançado em 1968 e premiado pela Academia Brasileira de Letras, aborda e analisa a vinda dos escravos, a capoeira nos meios de comunicação e nas artes, além de incluir biografias.

Surgida no ano de 1968, a Editora Janaína, de James Amado, publicou *As obras completas do Dr. Gregório de Matos*, em sete volumes; e *Junqueira Freire*, em dois volumes.

Em 1979, surge a Editora Corrupio, da fotógrafa Arlete Soares, com uma linha editorial voltada para a cultura afro-baiana. De alcance nacional, sobretudo pela difusão de vários trabalhos de Pierre Verger, num total de 12 obras, continua ativa, com um importante catálogo, seja pela temática, seja pelo *design* gráfico de seus livros.

Uma iniciativa após outra, como até aqui se pôde observar, ainda em 1981, Luís Ademir Souza fundou a editora Contemp. Ele não tinha uma linha editorial definida, circulando desde títulos infantis a didáticos e na mesma modalidade da Editora Cimape, isto é, as edições eram pagas pelos autores, com uma tiragem média de 1.000 exemplares.

Entre 1985, ano de sua criação, e 1992, a Editora Ianamá publicou 15 títulos, tendo como editor responsável José Esmeraldo Souza Coelho. Os autores colaboravam financeiramente com as edições, cujas tiragens alcançaram uma média de 2.000 exemplares, em 1992.

A Editora Marfim, sob a responsabilidade editorial de Aramis Ribeiro Costa, foi fundada em dezembro de 1989. Publicou três títulos de ficção, sendo dois de sua própria autoria - *A nota de Rosália*, em 1989 e *Uma varanda para o jardim*, em 1993 – e, em 1996, publicou o último livro, intitulado *Asas para amar*, de Sérgio Matos.

Algumas considerações

Foram identificadas, em 1992, 10 editoras privadas: Círculo do Estudo, Pensamento e Ação (CEPA), Centro de Documentação do Pensamento Brasileiro, Editora do Brasil na Bahia, Editora Ciência Jurídica, Fundação Casa de Jorge Amado – Casa de Palavras, Editora Fator, Edições Ianamá, Editora Marfim, Editora Corrupio e Editora Contemp e 7 órgãos públicos que possuem linha editorial: Fundação Cultural do Estado da Bahia, Centro de

Estudos Baianos da UFBA, Centro de Recursos Humanos da UFBA, Centro de Estudos Afro-Orientais da UFBA, Assembléia Legislativa do Estado da Bahia, Centro Editorial e Didático da UFBA e Centro de Estatísticas e Informações do Estado da Bahia.

Já 2004, foram levantadas 11 editoras privadas: P555 Designers Gráficos e Edições, Editora Helvécia, Àgalma Psicanálise Editora, Fundação Casa de Jorge Amado – Casa de Palavras, Editora Calandra, Edições Cidade da Bahia, Casa da Qualidade Editora, Contexto e Arte Editorial, Editora Corrupio, Maianga Produções Culturais, Editora Leal; 4 órgãos públicos que possuem linha editorial: Secretaria de Cultura e Turismo do Estado da Bahia, Superintendência de Estudos Econômicos e Sociais da Bahia, Assembléia Legislativa do Estado da Bahia, Fundação Cultural do Estado da Bahia; e 5 Editoras universitárias: EDUFBA, EDUNEB, HR Editora, Editora da FTC e Editora da FIB.

Observou-se que nesses 12 anos o número de editoras permaneceu quase inalterado. Algumas foram desativadas e novas surgiram, sobretudo no segmento do livro técnico-científico, uma conseqüência natural do crescimento do número de instituições de ensino superior. Por outro lado, algumas poucas editoras se consolidaram a nível nacional, como é o caso da Editora Corrupio e da Editora Casa da Qualidade. Merece destaque ainda a participação efetiva do setor público, bem como uma busca pela profissionalização do processo de produção, em função das exigências do mercado.

Conclusões

Apesar de ter sido a primeira capital do Brasil, ter acolhido a primeira escola formal, fundada pelos jesuítas, a primeira escola de ensino superior e a primeira biblioteca pública do Brasil e da América Latina, estas não foram condições suficientes para a consolidação de uma indústria editorial em Salvador.

A atividade foi fortemente marcada pelo entusiasmo de grupos de intelectuais e artistas, que não buscavam o retorno financeiro como objetivo principal. Além disso, sempre houve forte atuação do governo, financiando ou mesmo publicando autores baianos, o que resultou no pouco investimento por parte da iniciativa privada.

Percebe-se que várias editoras direcionaram suas linhas editoriais para autores e temas baianos, aproveitando tendência vigente de valorizar a cultura local, certamente na expectativa de repercussão nacional semelhante ao acontecido com a música, que goza de boa receptividade no Centro-Sul do país. O porte das editoras (pequenas e médias), agravado por

problemas de distribuição; a falta de uma política local para o livro, que contemple a aquisição regular para bibliotecas públicas e escolares; além da falta de profissionalização do processo produtivo, constituem-se em fatores decisivos para a fragilidade do setor no Bahia.

Por outro lado, Salvador situa-se numa região cujo processo de industrialização vem se desenvolvendo de forma desordenada, por não exibir uma tradição industrial como a região Centro-Sul, além de contar com uma população com baixo poder aquisitivo, com um dos índices mais elevados de analfabetismo do país e número reduzido de bibliotecas e livrarias.

Em que pese todos os fatores negativos, a Bahia se destaca pela qualidade da produção ao longo da história editorial, sobretudo pela participação efetiva de artistas plásticos, tais como Calasans Neto, Floriano Teixeira, Carybé dentre outros, que contribuíram com suas ilustrações para que alguns livros se tornassem verdadeiras obras de arte.

Referências

ANDRADE, Lílian et al. **Breve histórico das Edições Dinamene**. Salvador: FUNDESP, 1994.

ARAGÃO, Érica. O mercado editorial brasileiro no segmento livros e a dimensão relativa da Bahia. In: Superintendência de Estudos Econômicos e Sociais da Bahia. **Dez anos de economia baiana**. Salvador: SEI, 2002. p. 91-102 (Série Estudos e Pesquisas, 57).

ARAÚJO, Nelson de. **Editoração: ato de amor ao livro**. Salvador: Instituto Baiano do Livro, 1997. 48 p.

CARVALHO, Kátia de; OLIVEIRA, Amélia R. G. de; SANTANA, Kiaki T. As práticas editoriais do século XIX e início do século XX e o papel da Associação Tipográfica da Bahia. In: Congresso Brasileiro em Ciência da Comunicação, 25, 2002, Salvador. **Anais eletrônicos...** Salvador: Intercom, 2002. Disponível em: <http://www.intercom.org.br/papers/2002/np04/NP4CARVALHO.pdf> Acesso em: 11 set. 2004.

CHARTIER, Roger. **Os desafios da escrita**. São Paulo: Editora da UNESP, 2002. 144 p.

EPSTEIN, Jasón. **O negócio do livro**. Rio de Janeiro: Record, 2002.

FERREIRA, Jerusa et al. **Livros, editoras e projetos**. São Paulo: Ateliê editorial, 1997. 115 p.

HALLWELL, Laurence. **O livro no Brasil: sua história**. São Paulo: Edusp, 1985. p.51-62; 515-552.

INSTITUTO BAIANO DO LIVRO. **A aventura editorial de Pinto de Aguiar**. Salvador: IBL, 1993.

IPANEMA, Marcello de; IPANEMA, Cybelle de. **A tipografia na Bahia**: documento sobre suas origens e o empresário Silva Serva. Rio de Janeiro: Instituto de Comunicação Ipanema, 1977. 48 p.

KNAPP, Wolfgang. **O que é editora?** São Paulo: Brasiliense, 1986. (Coleção Primeiros Passos)

LINDOSO, Felipe. **O Brasil pode ser um país de leitores?**. São Paulo: Summus, 2004. 222 p.

UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA. Departamento Cultural da Reitoria. **Notícia histórica da Universidade da Bahia**. Salvador, 1967. 100 p.

LUDWIG, Selma Costa. **Mudanças na vida cultural de Salvador: 1950-1970**. 1982. 159 f. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais) – Faculdade de Ciências Humanas, Universidade Federal da Bahia, Salvador.p.68-70.

ODDONE, Nancy et al. **Editora Macunaíma**. Salvador: FUNDESP, 1994.

_____. **História do livro e das bibliotecas na Bahia**: ensaio introdutório de revisão e sistematização de literatura. 2001. Trabalho apresentado ao V Congresso de História da Bahia, Salvador, 2001.

RÉGIS, Élio et al. Hábito de leitura no Brasil. IN: Encontro de Editoração da Bahia, 4., Salvador, 1994. **Anais...** Salvador: Instituto Baiano do Livro, 1994. 85 p.

PAIXÃO, Fernando (Coord.). **Momentos do livro no Brasil**. São Paulo: Ática, 1996.

ROCHA, Fernando. **Progresso editora**: tribuna e paixão de Pinto de Aguiar. Salvador: EDUFBA/EGBA, 1996, 236 p.

ROSA, Flávia G. M. G. et al. **Abdon Matos Rosado**: livreiro e editor. Salvador: FUNDESP, 1994.

SANTOS, Jucélia de O. et al. **Edições O ViceRey**: levantamento histórico. Salvador: FUNDESP, 1994.

TAVARES, Luis Guilherme Pontes. **Arézio**: mestre baiano das artes gráficas. Salvador: Empresa Gráfica da Bahia, 1995.

_____. **A continuidade define a linha**. 1991. 73 f. Dissertação (Mestrado em Jornalismo) – Escola de Comunicação e Artes., Universidade de São Paulo, São Paulo.

ZOID, Gabriel. **Livros demais!**: sobre ler, escrever e publicar. Tradução de Felipe Lindoso. São Paulo: Summus, 2004. 111 p.